

# Cabaret Maxime

## O elogio da decadência

■ Bruno de Almeida é um dos mais atípicos realizadores portugueses. Por um lado, tal como Edgar Pêra, faz parte de uma geração intermédia, que perscrutou o caminho da internacionalização do cinema português. Lembre-se que a sua primeira curta-metragem, *A Dívida*, esteve em Cannes (ganhando o prémio da Semana da Crítica), muito antes disso se tornar um hábito para o nosso cinema. Essa dita internacionalização passou desde o início pela importação de cânones, fruto da sua experiência nova-iorquina. Enquanto outros se reviram essencialmente no cinema europeu, Bruno de Almeida olhou mais para o cinema independente americano, buscando ali as suas maiores referências. Mesmo no caso do documentário-concerto *The Art of Amália*, um dos filmes portugueses mais vistos de sempre, em que a temática é obviamente portuguesa.



Ana Padrão, em *Cabaret Maxime* Bruno de Almeida fez um filme indie americano em Lisboa

O realizador sempre mostrou aptidão para explorar os filmes de género, ou subgénero, americanos. Tal aconteceu com *Bobby Cassidy*, *Counterpuncher*, o seu fascinante retrato de um

pugilista. Ou mesmo pelo tratamento dado a *Operação Outono*, a propósito do assassinato de Humberto Delgado. Em *Cabaret Maxime*, volta a explorar o filme de género, de subgénero ou

microgénero (até se quisermos): o universo dos filmes de cabaret. Em termos de construção de ambiente e de personagens, há muitas semelhanças com *Histórias de Cabaret*, de Abel Ferrara. Aparentemente, tal como acontece, por exemplo, em alguns filmes de Aki Kaurismaki, Bruno de Almeida retira o seu filme de um contexto de tempo ou de espaço, concedendo-lhe uma sensação de atemporalidade e localização vaga. Só que, no caso, remete-nos imediatamente para um universo americano, de agiotas e disputas de poder. Bruno de Almeida faz um mais do que perfeito filme americano em Lisboa, numa apropriação curiosa dos espaços, não só do antigo cabaret Maxime, como dos bares do cais-do-Sodré. Isto sem um verdadeiro sentimento nostálgico localizado, pois aqueles espaços – O Viking, O Texas – nunca foram aquilo que vemos no filme; há antes uma nostalgia de um certo cinema, que também se perdeu com um correr do tempo.

Há, não obstante, uma verdadeira homenagem ao Cabaret Maxime, espaço carismático da cidade de Lisboa, que teve várias vidas e, mais recentemente, pertenceu ao músico/ator/artista plástico Manuel João Vieira. Bruno de Almeida faz o elogio da decadência. E o melhor que o filme tem é sem dúvida essa recria-

ção de ambiente, de um certo *kitsch demodé*, mas, ao mesmo tempo, absolutamente fascinante. O realizador não tem pressa em desenvolver a trama. Retém-se o tempo necessário fechado no espaço, na construção daquele mundo, cheio de personagens assombrosas, tirando partido daquela bizarra e caricata noção de entretenimento. A contenção é sábia. E a história evolui de forma na natural, mas fulminante. Há um mundo a defender. E o filme pode ser visto como um *statement* da defesa da boémia mais rude que está em perigo de extinção. E, nesse particular, o cinema tem a capacidade de iluminar aquilo que a realidade apaga.

Dentro da obra de Bruno de Almeida há aqui uma clara proximidade a *The Lovebirds*. Até porque o realizador recuperou parte do elenco, incluindo os americanos Michael Imperioli, John Ventimiglia e Drena De Niro. Só que tudo aquilo que era vago e desconexo em *The Lovebirds* aqui ganha consistência. Grandes interpretações de todos, mas sobretudo de Ana Padrão, com cenas emocionalmente arrebatadoras. Incluído no pacote, uma extraordinária banda sonora endógena, coordenada por Manuel João Vieira, com atuações de Selma Uamusse, Phil Mendix, o próprio Manuel João Vieira, entre outros. **JL**